

## RESTRICÇÕES LINGÜÍSTICAS NA PALATALIZAÇÃO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO SEGUIDO DE [t] OU [tʃ] NA FALA DE CARAVELAS – BAHIA

### LINGUISTIC CONSTRAINTS ON POSTVOCALIC /S/ FOLLOWED BY [t] OR [tʃ] IN THE SPEECH OF CARAVELAS – BAHIA

Jares Gomes Lima  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Vitória, Espírito Santo, Brasil

Maria Marta Pereira Scherre  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Vitória, Espírito Santo, Brasil

**RESUMO:** Neste texto, apresentamos generalizações sobre efeitos linguísticos na realização alveopalatal [ʃ] ou alveolar [s] do /S/ pós-vocálico seguido de [t] ou [tʃ] na fala de 25 falantes de Caravelas, Bahia, estratificados pelo sexo, faixa etária e escolarização. A análise foi feita à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008; WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006). Para o tratamento estatístico dos 1.189 dados variáveis, usamos o GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). A primeira restrição estatisticamente significativa é a posição do /S/ na palavra, com a posição medial favorecendo a palatalização. A segunda é o contexto vocálico antecedente, em que a palatalização é favorecida pelos traços [+posterior] e [+alto]: o efeito mais forte é da vogal [u]. A posteriorização é o traço de maior influência, paralelamente ao efeito da vogal alta anterior [i]. Portanto, quanto mais recuada e mais alta a língua na vogal antecedente, maior a chance da realização alveopalatal. A terceira restrição estatisticamente significativa é o contexto consonantal seguinte, em que a alveopalatal é favorecida pela africada alveopalatal [tʃ] e inibida pela oclusiva alveolar [t]. Desse modo, propriedades de segmentos precedentes e seguintes evidenciam assimilação progressiva e regressiva, respectivamente, caracterizando um fenômeno linguístico regular<sup>1</sup>.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística; Palatalização; Fala caravelense; Português Brasileiro.

---

<sup>1</sup> Este texto é fruto de parte da pesquisa de mestrado de um dos autores, em que são analisados efeitos linguísticos e sociais sobre o fenômeno focalizado (LIMA, 2017).

**ABSTRACT:** In this study we present generalizations about internal effects on alveopalatal [ʃ] or alveolar [s] postvocalic realization followed by [t] or [ʧ] in the speech of 25 speakers of Caravelas, Bahia, stratified by gender, age and schooling. The analysis was carried out according the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, 2008; WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006). For the statistical treatment of 1.189 variable data, we used GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Position of the /S/ in the word is the first statistically significant variable: medial position favors alveopalatal variant. The second one is the preceding vowel context, in which alveopalatal variant is favored by the features [+posterior] and [+high]: vowel [u] presents the strongest effect, parallel to the effect of the previous high vowel [i]. Therefore, more back and higher is the tongue in the preceding vowel, greater is the chance of the presence of the alveopalatal variant. Following consonantal is the third statistically significant variable, in which the alveopalatal variant is favored by the alveopalatal affricate [ʧ] and inhibited by the alveolar stop [t]. Thus, properties of preceding and following segments evidence progressive and regressive assimilation, respectively, characterizing a regular linguistic phenomenon.

**KEYWORDS:** Linguistic Variation; Palatalization; Speech of Caravelas-Bahia; Brazilian Portuguese.

## 1. PRELIMINARES

As restrições linguísticas presentes na palatalização da fricativa coronal pós-vocálica (posição de coda) na fala da comunidade de Caravelas–BA revelam um interessante encaixamento linguístico da variação das fricativas coronais no Português Brasileiro (PB). Demonstraremos como o processo de palatalização em Caravelas é fortemente restrito e linguisticamente estruturado, apontando generalizações acerca dos efeitos linguísticos na realização alveopalatal [ʃ] ou alveolar [s] do /S/ pós-vocálico seguido de [t] ou [ʧ].

Na Sociolinguística Variacionista, “[o] problema do *encaixamento* é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que [a variação] e a mudança linguística [são levadas] a cabo” (LABOV, 2008, p. 193), pois a variação faz parte da competência linguística de cada membro da comunidade de fala (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p. 123).

No fenômeno focalizado estão envolvidos processos de assimilação, tanto regressiva quanto progressiva, como veremos nos resultados de duas das três restrições ou variáveis linguísticas independentes apresentadas. Também encontramos influências sociais, discutidas por Lima (2017), não abordadas neste texto.

Desta forma, analisaremos, à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística, influências de restrições linguísticas no caso da variação de fricativas coronais em Caravelas, buscando generalizações acerca dos efeitos sobre o fenômeno, com ênfase no encaixamento linguístico em função da ação de processos fonológicos.

Consideramos as restrições estruturais a partir de semelhanças e diferenças com outros trabalhos. Muitas pesquisas revelam que os contextos coronais seguintes propiciam a variação, o que também acontece em Caravelas. No entanto, existem diferenças significativas em relação aos tipos de contextos de ocorrência da variação. Algumas comunidades fora da região Nordeste apresentam palatalização ampla, como Florianópolis–SC (BRESCANCINI, 2003); Cordeiro–RJ; (GRYNER & MACEDO, 2000); Rio de Janeiro–RJ (SCHERRE & MACEDO, 2000); Belém–PA (CARVALHO, 2000); e Macapá–AP (MONTEIRO, 2009), em que há palatalização variável em qualquer ambiente seguinte, incluindo a pausa final.

Na região Nordeste, há comunidades com palatalização em contextos altamente restritos, como Caravelas–BA (LIMA, 2017): só diante da coronal surda /t/; outras com palatalização diante das coronais /t, d, n/, como João Pessoa–PB (HORA, 2003); outras com espraiamento dos contextos coronais para outros contextos, como Salvador–BA (MOTA, 2002) e ainda outras sem restrição contextual de ocorrência, como Recife–PE (MACEDO, 2004).

A noção de palatalização que seguimos

é uma noção familiar em fonologia, embora muitos processos diferentes sejam frequentemente incluídos nesse termo de cobertura. A motivação para tal inclusão decorre do fato de que esses processos resultam principalmente da interação de consoantes com vogais frontais, vogais altas e o glide palatal *j* (BATEMAN, 2007, p. 01)<sup>2</sup>.

A palatalização variável parte, necessariamente, da influência de contextos consonantais e vocálicos em que há presença de traços semelhantes na interação entre os segmentos, fazendo com que o processo seja acionado (BATTISTI & HERMANS, 2016).

Como anunciamos, em Caravelas, a variação de /S/ só ocorre antes de [t] ou [ʃ], em posição final e medial. Há duas possibilidades: alveopalatal [ʃ]; alveolar [s], que podem ocorrer em casos como:

- (1) ba[ʃ]tante ~ ba[s]tante
- (2) fe[ʃ]ta ~ fe[s]ta
- (3) di[ʃ]trito ~ di[s]trito
- (4) go[ʃ]tar ~ go[s]tar
- (5) cu[ʃ]tava ~ cu[s]tava
- (6) e[ʃ]tilo ~ e[s]tilo

Exemplos dos contextos e tipos analisados podem ser vistos no Quadro 1. Os dados analisados envolvem substantivos, verbos, adjetivos, numerais, advérbios, artigos possessivos, enfim, todos os itens pertinentes: os casos de neutralização, seguidos de [s, z, ʃ, ʒ], não foram computados. Diante das vogais seguintes, por causa da ressilabificação, encontramos apenas alveolares sonoras. A frequência lexical e a distinção singular e plural serão alvo de pesquisa futura.

---

<sup>2</sup> “*is a familiar notion in phonology, though many different processes are often included under this cover term. The motivation for such inclusion stems from the fact that these processes result mainly from the interaction of consonants with front vowels, high vowels, and the palatal glide j*” (tradução nossa).

Quadro 1 - Exemplos de ocorrências de /S/ em função do contexto seguinte

Contextos seguintes	Exemplos
Final absoluto (Pausa longa)	essas coisas
Vogais	[a]: dois anos [e]: mais emprego [ɛ]: Caravelas era [i]: mais interessante [u]: mais um [o]: novas oportunidade [ɔ]: professores oferecem
Dorsais [k, g, X, ɣ, h, ŋ]	[g]: resgate - dos governantes [k]: esquecido - tradições que [X, ɣ, h, ŋ]: desrespeitou - as raízes
Coronais sonoras [d, dʒ, l, n,]	[d]: desdém [dʒ]: desde - as dificuldades [l]: deslocando - muitos lugares [n]: eles não – os navio
Labiais [p, b, m, f, v]	[p]: esposo - os pais [b]: esbarra - os braço [m]: mesmo - próprios moradores [f]: asfaltada - as famílias [v]: dessas vidas
Coronais surdas [t, tʃ]	[t]: história – mas também [tʃ]: estiver - as pessoas tinha

Fonte: Elaboração própria

Na análise de dados de 10 falantes (Tabela 1), há todos os contextos possíveis. Na análise de 25 falantes, há apenas os contextos em que existe variação (Tabelas 2 a 5).

Assim, na fala de 10 dos 25 falantes de nosso *corpus*, em contextos seguintes que não sejam [t] ou [[tʃ], identificamos 694 casos: 685 de alveolares (98,7%); 9 de aspiradas (1,3%); e nenhum caso de alveopalatal. Nos contextos de [t] ou [[tʃ], identificamos 242 casos: 94 de alveolares (38,8%); 147 de alveoplatais (60,8%); e 1 caso de aspirada (0,4%).

Na área de variação do /S/ há, portanto, três possibilidades: alveolar surda [s], alveopalatal surda [ʃ] e aspirada [h]. Na variante aspirada, apenas um caso diante de [tʃ], na palavra *castigo* – [kɛh' tʃigu]. Dessa forma, a análise dos dados dos 25 falantes para a projeção dos pesos relativos concentrou-se onde havia a oclusiva [t] ou a africada [tʃ] como contexto seguinte, contíguas às variantes recorrentes [s] ou [ʃ].

**Tabela 1** - Distribuição geral das ocorrências de /S/ em função do contexto seguinte com 10 falantes

Contexto seguinte	Variantes			Frequência Total
	Sem [t] ou [[tʃ]	Alveopalatais	Alveolares	
Final absoluto (Pausa longa)	0,0% 0	100% 109	0,0% 0	11,6% 109
Vogais	0,0% 0	100% 150	0,0% 0	16,0% 150
Dorsais [k, g, X, ɣ, h, fi]	0,0% 0	100% 138	0,0% 0	14,7% 138
Coronais sonoras [d, l, n]	0,0% 0	99,3% 138	0,7% 1	14,9% 139
Labiais [p, b, m, f, v]	0,0% 0	94,9% 150	5,1% 8	16,9% 158
<b>Subtotal</b>	<b>0,0% 0</b>	<b>98,7% 685</b>	<b>1,3% 9</b>	<b>694</b>
<b>Coronais surdas</b>				
[t]	60,5% 133	39,5% 87	0,0% 0	23,5% 220
[tʃ]	63,6% 14	31,8% 7	4,5% 1	2,3% 22
<b>Subtotal</b>	<b>60,8% 147</b>	<b>38,8% 94</b>	<b>0,4% 1</b>	<b>242</b>
<b>Total</b>	<b>15,8% 147</b>	<b>83,1% 780</b>	<b>1,1% 10</b>	<b>100% 937</b>

Fonte: Tabela 1.2 de Lima (2017, p. 76), com adaptações.

A análise das restrições linguísticas é oportuna porque a variação acontece de modo fortemente restrito, no contexto coronal surdo, ambiente que favorece a palatalização no PB em amostras de comunidades onde a variação é mais ampla (GRYNER & MACEDO, 2000, p. 39; SCHERRE & MACEDO, 2000, p. 55). As influências linguísticas são evidenciadas, tanto do ponto de vista de resultados apontados por meio dos grupos de fatores utilizados na análise quanto da própria restrição contextual da variação em Caravelas.

O encaixamento linguístico em tela nos permite lançar mão da escala da sonância proposta por Jespersen (1904, p. 188 *apud* CLEMENTS, 1980, p. 1–3), tendo em vista que as variantes envolvidas se concentram na escala 1. (a) oclusivas surdas, (b) fricativas surdas, ambientes menos marcados em termos universais, tendo em vista que as consoantes surdas existem em todas as línguas do mundo.

No Quadro 2, explicitamos traços das variantes analisadas e do contexto consonantal seguinte onde há variação. Quando realizarmos as discussões acerca

das restrições linguísticas fundamentais para entendimento da variação em Caravelas, no item 3, retomaremos os traços apresentados neste quadro.

**Quadro 2** - Síntese dos traços das variantes de /S/ analisadas e dos traços do contexto fonético-fonológico seguinte

Traços das variantes analisadas		Traços dos segmentos consonantais do contexto fonético-fonológico seguinte	
[s] – alveolar	[ʃ] – alveopalatal	[t] – variante oclusiva	[tʃ] - variante africada
[+ coronal]	[+ coronal]	[+ coronal]	[+ coronal]
[+ surdo]	[+ surdo]	[+ surdo]	[+ surdo]
[+ anterior]	[- anterior]	[+ anterior]	[- anterior]
[- alto]	[+ alto]	[- alto]	[+ alto]
[+ contínuo]	[+ contínuo]	[- metástase retardada]	[+ metástase retardada]

**Fonte:** Quadro 3.9 de Lima (2017, p. 103), com adaptações, com base parcialmente em Chomsky e Halle (1991, p. 177)

Enfatizamos novamente que os traços que se repetem são [+coronal] e [+surdo]. A variação em Caravelas está restrita aos contextos coronais surdos, ou seja, em um ambiente linguístico natural do ponto vista universal. As correspondentes sonoras das alveopalatais não acontecem em Caravelas. Em casos com traço sonoro seguinte como *mesmo* – [‘mezmo] e *desde* – [‘dezɔɣɪ], por ora, só identificamos realizações alveolares.

Focalizaremos a presença dos traços [+anterior] e [-anterior], [+alto] e [-alto], tanto de segmentos consonantais seguintes quanto de segmentos vocálicos precedentes. Basicamente, veremos que os segmentos com presença do traço [+anterior] tendem a favorecer a ocorrência de segmentos [+anterior], bem como a presença do traço [-anterior] favorecer segmentos [-anterior]. A mesma tendência se dá para segmentos com a presença do traço alto, embora com menos regularidade.

## 2. METODOLOGIA

Caravelas é um município pequeno no sul da Bahia, com uma área de 2.396,608 km<sup>2</sup>, km<sup>2</sup> subdividido em quatro distritos: Caravelas (sede); Juerana; Ponta de Areia; e Santo Antônio de Barcelona – e sete povoados: Barra de

Caravelas; Rancho Alegre; Ferrasnópolis; Taquari; Nova Esperança; Volta Miúda e Nova Tribuna<sup>3</sup>.

A sede fica a 36 km de Alcobaça, o município mais próximo, e cerca de 90 km de Teixeira de Freitas. Da capital do estado, Salvador, dista cerca de 700 km. Além disso, faz divisão com outros municípios baianos: Nova Viçosa, Medeiros Neto, Lajedão e Ibirapuã. Caravelas é uma cidade histórica, mas não são encontrados muitos registros sobre a sua formação, bem como do que havia nela quando ainda era uma vila.

Os poucos registros sobre Caravelas dificultam pesquisas que necessitem de informações sobre seu desenvolvimento, bem como sobre as atividades que proporcionaram a chegada e saída de turistas ou de estrangeiros. Detalhes do seu processo histórico não são encontrados facilmente, dificultando hipóteses que poderiam ser levantadas sobre suas características linguísticas. Segundo Miranda,

[o] seu nome é devido ao fato de várias caravelas no período colonial navegarem pelo braço de mar que banha a cidade. Depois de Porto Seguro, Caravelas era a localidade de maior relevância econômica, eclesiástica e política da região até o início do século XX. Porém, ao longo dos anos, os seus moradores viram a cidade regredir, principalmente no quesito econômico e populacional. Com o surgimento de rodovias, como a BR 101, as cidades circunvizinhas cresceram, vindo muitos habitantes a deixar a “cidadezinha” e ir para outras cidades maiores (2014, p. 15).

A escolha da comunidade se deu pelo fato de o primeiro autor deste texto ter morado até 2015 na cidade. Este fato viabilizou interpretações mais sólidas sobre os resultados encontrados na pesquisa da variação do /S/, sejam eles linguísticos ou sociais.

A investigação é realizada por meio de entrevistas sociolinguísticas, que possibilitam a captação do vernáculo, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p. 244). Nessas entrevistas, são elaborados roteiros e perguntas que incitem narrativas de experiência pessoal, desviando a atenção do falante e permitindo que o vernáculo emergja (ibid, 2008), pois “a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio do tipo mais óbvio de observação sistemática” (ibid, p. 244).

A amostra foi constituída por entrevistas sociolinguísticas com 25 caravalenses, estratificados pelo sexo, faixa etária e anos de escolarização (LIMA, 2017). Para a análise, utilizamos 20 minutos de cada entrevista. Quanto ao tratamento estatístico, usamos o programa de análise multivariada Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). A variável dependente

<sup>3</sup> Mais informações podem ser encontradas no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/caravelas/panorama>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

compõe-se de duas variantes recorrentes: a fricativa alveolar [s] e a fricativa alveopalatal [ʃ], que ocorrem na fala dos caravelenses só antes de [t] e [ʃ].

As restrições ou variáveis independentes linguísticas aqui abordadas são posição da fricativa na palavra: coda medial e final; contexto vocálico antecedente; e contexto consonantal seguinte.

Em relação à posição da fricativa na palavra, a posição medial foi destaque em outros trabalhos, como Scherre e Macedo (2000), Mota (2002), Brescancini (2003) e Hora (2003), favorecendo a variante palatalizada.

Quanto ao contexto vocálico antecedente, os fatores considerados levam em conta características articulatórias de cada vogal. Optamos por dividir esta variável em função de análises que apresentam sete vogais para o PB (CÂMARA JR, 1975). O agrupamento delas pelos traços coronais, labiais e dorsais dificultaria a identificação dos traços a favorecerem a ocorrência das variantes palatalizadas, em especial os traços alto e anterior, favorecedores da palatalização, à semelhança de outros trabalhos, como o de Scherre & Macedo (2000, p. 58) para a fala do Rio de Janeiro. Tendo em vista o contexto mais restrito de variação, a organização desta variável com as sete vogais nos dá maior liberdade para a associação dos efeitos dos traços presentes nas vogais em relação à variação estudada, e facilita a identificação dos processos assimilatórios.

A partir das considerações de Brescancini (2003, p. 294), “(...) que tanto o movimento de elevação da lâmina da língua em direção ao palato duro quanto o conseqüente movimento de retração sofrido pelo corpo da língua são importantes para o processo.”, verificaremos, mais adiante, se acontece um processo semelhante ao de Florianópolis, em que vogais posteriores apresentaram efeitos estatisticamente significativos, em direção à palatalização.

Assim, a variável contexto vocálico precedente apresenta como fatores as vogais:

- alta anterior - [i] – *pista*
- média fechada anterior - [e] – *deste*
- média aberta anterior - [ɛ] – *teste*
- alta posterior - [u] – *susto*
- média fechada posterior - [o] – *posto*
- média aberta posterior - [ɔ] – *costa*
- baixa - [a] – *pasta*

A terceira variável a ser discutida é o contexto consonantal seguinte. Nesta variável, buscamos verificar o efeito que a consoante seguinte tem sobre a variação. São dois os fatores: oclusiva alveolar [t]; e a africada alveopalatal [tʃ]. O objetivo era saber se poderíamos identificar processos assimilatórios, com [tʃ] favorecendo a alveopalatal [ʃ]; e [t] a desfavorecendo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta de mostrar as restrições linguísticas ganhou força quando verificamos que os contextos seguidos de [t] e/ou de [ʃ] tendem a ser favorecedores da realização palatalizada, conforme resultados de pesquisas de outras variedades, como Rio de Janeiro–RJ (SCHERRE & MACEDO, 2000, p. 55), Cordeiro–RJ (GRYNER & MACEDO, 2000, p. 33), Florianópolis–SC (BRESCANCINI, 2003, p. 306), João Pessoa–PB (HORA, 2003, p. 81), Recife–PE (MACEDO, 2004, p. 40), Macapá–AP (MONTEIRO, 2009, p. 61), e Salvador–BA (MOTA, 2002, p. 295).

Os resultados com a distribuição percentual das variantes levantadas no estudo da palatalização, em 1.189 dados na fala de 25 caravelenses, são apresentados na Tabela 2.

**Tabela 2** - Distribuição geral das alveopalatais vs alveolares seguidas de [t] e [ʃ] na fala de 25 pessoas

Variantes	Frequência (%)	Nº de ocorrências
[ʃ]	65,9%	783/1.189
[s]	34,1%	406/1.189

Fonte: Tabela 1.3 de Lima (2017, p. 81)

Embora a frequência de alveolares seja menor (34,1%), esta realização também ocorre nos mesmos contextos da alveopalatal, ou seja, diante de coronais surdas. Enfatizamos isso porque, diante dos demais contextos, as alveolares predominam em coda medial e final (Tabela 1), sem, ainda, possibilidade de realização alveopalatal. Os percentuais de alveopalatais e alveolares seguidas de [t] e [ʃ] na fala de 10 pessoas (Tabela 1: 60, 8% vs. 38,8%) e na fala de 25 pessoas (Tabela 2: 65,9% vs. 34,1%) são similares, o que revela a regularidade geral da variação.

Mota (2002, p. 413) afirma, com base nos dados do Atlas Prévio dos Falares Baianos, que há áreas baianas caracterizadas apenas pela pronúncia da variante alveolar, fato confirmado por observação participante em Teixeira de Freitas. Em Salvador, a alveolar e a alveopalatal ocorrem sem que nenhuma delas seja rejeitada (MOTA, 2002). Em Caravelas, uma comunidade de maior ocorrência geral de alveolares, considerados todos os contextos de coda silábica (Tabela 1), temos uma área baiana alveolarizante, sem rejeição também a nenhuma das variantes.

Segundo Mota (ibid, p. 400), “a frequência com que se encontra o /t/, em posição medial, no léxico português [...] ultrapassa a de todas as outras consoantes [...] inclusive aqueles em que o segmento favorecedor está ausente, como o final diante de pausa”. Em Salvador, a variante alveopalatal alcança pesos relativos maiores diante de [ʃ], do que diante de [dʒ] e [t], a posição medial unida à consoante /t/, principalmente, a variante [ʃ], destaca-se como o contexto mais

favorecedor. Assim, o contexto de variação da fala caravelense é previsível e favorecedor da produção palatalizada da fricativa coronal /S/.

A primeira restrição linguística que mostraremos é a posição na palavra (Tabela 3). Segundo Brescancini (2003), Mota (2002), Hora (2003), Gryner e Macedo (2000) e Scherre e Macedo (2000), a posição medial é favorecedora da palatalização.

Hora (2003) nos lembra que a posição de coda é sujeita ao enfraquecimento, até mesmo ao apagamento, em alguns casos mais raros, sendo a posição mais fraca da sílaba (HORA; PEDROSA & CARDOSO, 2010)<sup>4</sup>. Dessa forma, a variação dependerá de como é o comportamento da comunidade em relação à regra de palatalização e como se comporta em função da tendência a favor ou contra a produção palatalizada da variante.

Na fala caravelense (Tabela 3), assim como em outras pesquisas, a posição coda final desfavorece fortemente a produção da alveopalatal (0,210); e a posição coda medial, relativamente, a favorece (**0,535**).

**Tabela 3** - Tendência da variante alveopalatal em função da posição na palavra

Posição na palavra	Peso Relativo	Frequência (%)	Nº de ocorrências
Coda medial	<b>0,535</b>	69,8	751/1.076
Coda final	0,210	28,3	32/113
<b>Total</b>	-	65,9	783/1.189

Fonte: Tabela 2.2 de Lima (2017, p. 97)

Há uma aproximação entre a posição da fricativa na palavra, coda final ou medial, e o contexto antecedente e seguinte. Mais fortemente acontece entre o contexto vocálico antecedente e o contexto consonantal seguinte, no momento em que consideramos aqui a relação entre essas variáveis independentes e as assimilações progressiva e regressiva. Certamente a proximidade dos segmentos em coda medial facilita o espriamento de traços, porque dificilmente ocorre pausa na coda medial em elocuições naturais.

Os resultados do contexto precedente (Tabela 4) revelam uma interessante relação de traços em Caravelas. Dois fatores com a presença do traço [+posterior] favorecem a produção da variante palatalizada: [u], com peso de 0,647; [ɔ], com peso 0,621.

<sup>4</sup> Ver também Selkirk (1982).

**Tabela 4** - Tendência da variante alveopalatal em função do contexto vocálico precedente

Contexto vocálico precedente	Peso Relativo	Frequência (%)	Nº de ocorrências
Alta posterior [u]	<b>0,647</b>	71,4	25/35
Média aberta posterior [ɔ]	<b>0,621</b>	78,5	117/149
Alta anterior [i]	<b>0,588</b>	75,0	222/296
Média fechada posterior [o]	0,492	65,1	84/129
Média fechada anterior [e]	0,441	62,1	267/430
Baixa [a]	0,439	50,5	56/111
Média aberta anterior [ɛ]	0,158	30,8	12/39
<b>Total</b>	-	65,9	783/1.189

**Fonte:** Tabela 2.3 de Lima (2017, p. 99), com adaptações.

Assim, a posteriorização, à semelhança de Florianópolis-SC (BRESCANCINI, 2003, p. 317), manifesta-se como um traço que tende a favorecer a palatalização. Com relação ao traço [+alto], o efeito favorecedor é também evidenciado pela vogal [i] (0,588), embora, neste aspecto, não haja possibilidade de comparação com o trabalho de Brescancini (2003, p. 317), tendo em vista que a autora não separou os casos de alta anterior [i] e médias anteriores [e] e [ɛ].

O contexto fonológico precedente aponta-se propício para a palatalização considerando os processos assimilatórios envolvidos. A vogal que mais desfavorece a palatalização é a média aberta anterior (0,158). Apenas o efeito intermediário da vogal média fechada posterior [o] (0,491) foge ao esperado, tendo em vista que a vogal média aberta posterior [ɔ] apresenta efeito favorecedor da palatalização (0,621). Este fato nos instiga a observar, no futuro, a eventual influência de aspectos lexicais ou a minimizar a nossa hipótese da assimilação progressiva: só mais dados e mais análises nos apontarão os caminhos. O efeito da vogal média fechada posterior é próximo aos efeitos consistentes, levemente desfavorecedores, da vogal média fechada anterior [e] (0,441) e da vogal baixa (0,439).

A partir das tendências em relação ao contexto vocálico precedente, ressalvado o eventual efeito da vogal média fechada posterior [o], consideramos haver evidências de um processo de assimilação progressiva, pois traços presentes na vogal antecedente tendem a ser espalhados para a consoante seguinte.

Conforme Magalhães (2014, p. 102), a assimilação progressiva é mais rara no PB, como se exemplifica em (07), com um dado extraído do *corpus* que analisamos:

(7) ...**justamente** [juʃtɐ'mẽʃi], né?

Na palavra *justamente* há assimilação do traço [-anterior] (ou [+posterior]) da vogal [u] pela variante [j], assim como se torna [+alto], traço também presente na vogal, provocando a palatalização que é, pelos efeitos, favorecida pelos traços [+posterior] e [+alto]. Segundo Magalhães (2014), na palatalização, as vogais podem estar envolvidas na assimilação progressiva. No entanto, o pesquisador estava mencionando a palatalização de oclusivas dentais em regiões da Bahia. Battisti & Hermans (2016) também mencionam que algumas combinações de segmentos podem desencadear o processo de palatalização, que, todavia, não se aplicam com perfeição aos resultados por nós encontrados.

Outras vogais (a média anterior /e/ e a **alta posterior /u/**) podem desencadear palatalização, mas respeitando a implicação de que a vogal anterior alta também seja gatilho do processo (BATEMAN, 2007, KOCHETOV, 2011). Isso se explica pelo fato de que a vogal média é anterior (coronal), mas não é tão consonantal quanto /i/ no que se refere a Modo (altura) [...]. **Já a vogal /u/, raro gatilho da palatalização, [...], é tão alta quanto /i/, mas não é anterior (coronal).** É menos consonantal do que /i/ e /e/ (BATTISTI & HERMANS, 2016, p. 70 - grifos nossos).

Mesmo os autores utilizando uma teoria formal para explicar a palatalização, os resultados encontrados ajudam no entendimento do fenômeno em Caravelas, mas, para a comunidade em tela, a posteriorização possui maior força de efeito. O ambiente e as variantes já são [+coronal] e, por compartilharem o traço, conforme Quadro 2, as distinções entre [+alto] e [-alto] e entre [+anterior] e [-anterior] são a chave para o entendimento da assimilação progressiva, ressaltados eventuais efeitos lexicais a serem futuramente controlados.

Para Brescancini (2003, p. 319) “(...) o movimento de retração da língua desempenha papel relevante na produção variável da fricativa palato-alveolar”. Segundo a autora, quanto mais posteriorizada for a articulação da vogal que precede a variante, maior a chance de obtermos pesos relativos que favoreçam a realização da palatalização.

Nos resultados na Tabela 4, vimos que quanto mais recuada e mais alta a língua na vogal precedente, maior a chance de uma realização alveopalatal, à exceção do efeito intermediário da vogal [o] (0,491). Voltando aos resultados sobre o dialeto florianopolitano, a proposta de Brescancini acerca da produção mais posterior da dorsal, para a vogal [a], não é confirmada em nossa análise: seu efeito não foi favorecedor em nossa pesquisa (0,439), porém a presença de duas vogais posteriores com pesos relativos que favorecem a palatalização possibilita que, por meio de nossos resultados, seja confirmada parcialmente sua proposta. Enfatizamos que análises com mais dados nos permitirão refutar, ou não, a nossa proposta aqui apresentada.

Quanto aos resultados do contexto consonantal seguinte (Tabela 5), a realização alveopalatal foi favorecida pela africada alveopalatal [tʃ] (0,645). A oclusiva alveolar [t], relativamente, desfavorece a produção da variante palatalizada (0,481). Características fonéticas análogas são, então, relevantes na

análise dos efeitos do contexto consonantal seguinte, embora com menos polarização do que o efeito contexto vocálico precedente.

**Tabela 5** - Tendência da variante alveopalatal em função do contexto consonantal seguinte

Contexto consonantal seguinte	Peso relativo	Frequência (%)	Nº de ocorrências
[t]	0,481	64,6	683/1.058
[tʃ]	<b>0,645</b>	76,3	100/131
<b>Total</b>	-	65,9	783/1.189

Fonte: Tabela 2.4 de Lima (2017, p. 102)

A assimilação regressiva provoca uma distribuição diferenciada nas ocorrências da variante alveolar e alveopalatal em função dos dois fatores do contexto seguinte. Os traços que são compartilhados entre as variantes e o contexto seguinte nos permitem dizer que os fatores [t] e [tʃ] são naturalmente favorecedores. Brescancini (2003, p. 307) pondera que a variante alveopalatal é mais favorecida pelos traços [-anterior] e [+alto], que são exatamente os traços de [tʃ] (Quadro 2), embora os segmentos dorsais também favoreçam a alveopalatal nos dados de Florianópolis (ibid, p. 306). Sendo assim, confirmamos parte do argumento da autora por meio da análise de contexto altamente restrito de variação em Caravelas.

É importante lembrar que o processo da palatalização nos dados de Caravelas só ocorre diante de [t] e [tʃ]. A palatalização em Florianópolis ocorre em uma gama variada de contextos, chegando à ordem de 83%. Em Caravelas, considerando todos os contextos, a palatalização é da ordem de apenas 15,8%. A comunidade de Caravelas é fortemente alveolarizante, se considerados todos os contextos seguintes: 83,1% de alveolares (Tabela 1, com 10 falantes).

Conforme apresentamos no Quadro 2, os segmentos que possuem traços semelhantes condicionam a ocorrência da variante palatalizada. Os efeitos encontrados na análise estatística corroboram uso da variante palatalizada e também revelam como as variantes [t] e [tʃ] da consoante oclusiva /t/ podem ser desencadeadoras do processo de palatalização, com maior favorecimento pelo contexto seguinte [tʃ], concomitantemente aos efeitos similares dos contextos vocálicos precedentes [+ posterior] (ou [-anterior]) e [+alto].

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, apesar de a variação acontecer em um ambiente muito específico, a previsibilidade das influências das restrições estruturais, por conta da semelhança de traços, mostra-se efetiva. Também por meio dos estudos em outras comunidades, Florianópolis–SC (BRESCANCINI, 2003), Cordeiro–RJ (GRYNER & MACEDO, 2000), Rio de Janeiro–RJ (SCHERRE & MACEDO,

2000), João Pessoa–PB (HORA, 2003), Salvador–BA (MOTA, 2002) e Recife–PE (MACEDO, 2004), os efeitos referentes à posição da coda, ao contexto vocálico antecedente, assim como ao contexto consonantal seguinte, revelam um encaixamento linguístico bastante consistente.

Em Caravelas, o contexto vocálico precedente [+posterior] e [+alto] apresenta-se como o de maior favorecimento. Sendo assim, a aproximação de traços revela-se favorecedora à variante alveopalatal. Por conta dos traços análogos, também encontrado na africada [tʃ] seguinte, a produção palatalizada é favorecida.

O encaixamento linguístico e a existência da sistematicidade na variação do /S/ em coda silábica na comunidade caravelense são evidenciados na influência contextual desencadeada pela assimilação. Os traços vocálicos e consonantais análogos à variante palatalizada demonstram que a seleção feita pelo programa na análise estatística assinala a grande influência das restrições linguísticas. Existem combinações de propriedades dos segmentos que facilitam o processo de palatalização e esses contrastes segmentais são relevantes para a análise do processo.

Os resultados de Caravelas evidenciam um fenômeno regular de assimilação de traços: de forma progressiva, no caso da vogal precedente; e de forma regressiva, no caso da consoante seguinte. Também corroboram diversas outras análises realizadas nas comunidades mencionadas no decorrer do texto para mais favorecimento da palatalização na posição medial em coda silábica.

## REFERÊNCIAS

BATEMAN, Nicoleta. *A crosslinguistic investigation of palatalization*. 2007. PhD dissertation (Doctor of Philosophy in Linguistics) – University of California, San Diego. Disponível em: <[http://pubman.mpg.de/pubman/item/escidoc:2065707/component/escidoc:2065705/palatalization\\_bateman2007\\_o.pdf](http://pubman.mpg.de/pubman/item/escidoc:2065707/component/escidoc:2065705/palatalization_bateman2007_o.pdf)>. Acesso em 15 jan. 2018

BATTISTI, Elisa; HERMANS, Ben. “Palatalização no português brasileiro e nas línguas do mundo: Motivação estrutural, seleção de gatilhos e alvos”. *Revista Linguística*, v. 32, 2016, p. 61-75.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. “A palatalização da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano: variáveis linguísticas”. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHON, Gisela. (Org.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003, p. 291–326.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1975.

CARVALHO, Rosana Siqueira. *Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém*. 2000. 120f. Dissertação de Mestrado em Linguística – Universidade Federal do Pará, Belém.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. Massachusetts: MIT Press, 1991.

CLEMENTS, George Nick. “The role of the sonority cycle in core syllabification”. In: KINGSTON, John; BECKMAN, Mary E. (Org.). *Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 283-333.

GRYNER, Helena; MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. “A pronúncia do S pós-vocálico na região do Rio de Janeiro”. In: MOLLICA, Maria Cecília; MARTELOTA, Mario Eduardo. (Org.). *Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2000, p. 26-51.

HORA, Dermeval da. “Fricativas coronais: análise variacionista”. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara.. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 69-89.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene L. R; CARDOSO, Walcir. “Status da consoantes pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?”. In: *Letras de Hoje*, v. 45, 2010, p. 71-79.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Jares Gomes. *O jogo na comunidade de Caravelas – BA: variação da fricativa coronal pós-vocálica*. 2017. 164f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

MACEDO, Sandra Siqueira de. *A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*. 2004. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MAGALHÃES, José. “Caracterização dos processos assimilatórios no português brasileiro”. In: *Fórum Linguístico*, v. 11, 2014, p. 97-105.

MIRANDA, Madson Paranaguá. *O “peixe real” e a sua sentença de morte: a pesca de baleias na Vila de Caravelas (1750-1801)*. 2014. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas.

MONTEIRO, Renata Conceição Neves. *A produção palato-alveolar de /s/ nas vozes do Amapá*. 2009. 77f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

MOTA, Jacyra Andrade. *O –s em coda silábica na norma culta de Salvador*. 2002. 452f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali. A.; SMITH, Ellen. *Goldvarb X - a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GVindex.htm#ref>> Acesso em 13 mar. 2015

SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. “Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o –S pós-vocálico no Rio de Janeiro”. In: MOLLICA, Maria Cecília; MARTELLOTA, Mario Eduardo. (Org.). *Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2000, p. 52-64.

SELKIRK, Elisabeth. “The Syllable”. In: HULST, H van der; SMITH, N. (Eds.). *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris. V. II, 1982, p. 337-383.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

Jares Gomes Lima  
[Jares\\_16@hotmail.com](mailto:Jares_16@hotmail.com)

Maria Marta Pereira Scherre  
[MScherre@gmail.com](mailto:MScherre@gmail.com)

Recebido em: 10 mar. 2018

Aceito em: 10 jun. 2018

Publicado em: 19 ago. 2018